

Por uma Pedagogia da Autonomia e da ação transformadora

Prof.^a M.^a. Helga Valéria de Lima Souza, Café com Paulo Freire/RN¹

Prof.^a Dr.^a Marli Vieira Lins de Assis, Café com Paulo Freire/RN²

Resumo:

Paulo Freire escreveu muitas cartas (Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo; Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar; Cartas a Cristina, entre outras), para matar as saudades da família, dos(as) amigos(as), do Brasil, e para tecer sua teoria. E agora somos nós do Café Paulo Freire que te escrevemos.

Palavras-Chave: Pedagogia. Autonomia. Transformação.

Amado Paulo Freire,

No ano que em que comemoramos seu centenário, temos vivido muitos desafios, entre eles, o desafio imposto pela eclosão da pandemia causada pelo coronavírus Sars-CoV-2, popularmente chamada de Covid-19, que tem amedrontado a todos(as), ceifado vidas e limitado os direitos de muitos/as, principalmente no que tange a uma educação de qualidade para crianças, jovens, adultos e idosos.

Em meio à luta pela vida, tivemos que lutar para que todos/as tivessem condições mínimas de aprendizagens e, nesse sentido, observamos a realidade da sala de aula presencial ser alterada, na tentativa de ser, em diversas versões, transportada para a um modelo de educação ofertado via sistema *on-line*, gerando em todos nós um novo olhar e uma nova postura diante das expectativas surgidas.

Enquanto professores e professoras em um mundo *on-line*, fomos projetados para um novo contexto social e educativo que se fez necessário e urgente diante da situação de restrição que a pandemia obrigou a todos(as). Nesse sentido, a busca por medidas de replanejamento educacional reforçou em nós a compreensão de que a educação é um processo e, por isso não dado ou criado *a priori*. É, pois um processo “[...] histórico em duplo sentido: primeiro, no sentido de que representa a própria

¹ Prof.^a da Secretaria de Educação do Distrito Federal. helgaarte@gmail.com

² Prof.^a da Secretaria de Educação do Distrito Federal. marlivieira.lins@gmail.com

história individual de cada ser humano; segundo, no sentido de que está vinculada à fase vivida pela comunidade em sua contínua evolução” (PINTO, 1986, p. 30).

Desse modo, as experiências que tínhamos por estar no mundo, em fazer e refazer um mundo presencial, passaram, então, a ser pensadas a partir do mundo *on-line*. Nessa nova condição, nossa percepção e conscientização como seres inconclusos, ou seja, como seres incompletos, se destacou na busca por novos saberes, por novas metodologias e por novas formas de diálogo, já que, “a consciência da incompletude nos seres humanos leva-nos a envolvermos em um processo permanente de pesquisa” (FREIRE, 2001, p. 65).

Sabemos que tais processos, quando desenvolvidos em espaços formativos, portanto, espaços políticos, requerem de todos(as) os(as) envolvidos(as) uma postura de diálogo que só pode se dar com a adoção da palavra verdadeira, que é a base estruturante de propostas educativas emancipadoras, pois, do contrário, “me torno tão falso quanto quem pretende estimular o clima democrático na escola por meios e caminhos autoritários” (FREIRE, 1996, p. 48).

Desse modo, ao buscarmos por ações que favoreçam o diálogo e o encontro com a palavra verdadeira, em ambientes formativos – ensino formal presencial ou *on-line* –, nós professores(as) devemos “lutar de modo que se torne cada vez mais e mais claro que a educação representa formação e não treinamento” (FREIRE, 2001, p. 66). O fortalecimento de tal postura se dá a partir da compreensão de que todo ato educativo é um ato político.

No contexto pandêmico que estamos vivendo, a ampliação das crises sociais, políticas, ideológicas, financeiras e culturais, se configuram pelo fortalecimento de um processo cruel de desumanização do ser humano em prol do ter, dos lucros financeiros e dos prazeres momentâneos advindos do poder opressor, “o que mantém uma pessoa, um professor vivo como um educador libertador, é a clareza política para entender as manipulações ideológicas que desconfirmam os seres humanos enquanto tais” (FREIRE, 2001, p. 68).

O ano de 2020 se tornou um divisor de águas para todos(as) nós, professores(as) engajados(as) em propostas e ações que visam à emancipação de nossos/as educandos(as), compreendendo o processo emancipatório como aquele que ultrapassa o domínio da palavra escrita e da leitura de um texto.

O momento vivido pela humanidade e, especificamente, por nós, professores/as, reafirmou a presença e a funcionalidade das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) no sistema educacional, por sua expansão, dominação e praticidade. Apesar de todos os desafios apontados pelo uso das tecnologias, vale destacar que em uma sociedade tecnológica como a que construímos, negar o lado positivo das TICs, isto é, a melhoria de vida e condições de saúde, como o avanço no combate às doenças com o desenvolvimento de vacinas, é ponto de inquestionável. Porém, a vida não é um filme de ficção científica, no qual as TICs se autoconstróem e desenvolvem, é preciso sempre ter claro que quem “efetivamente revoluciona a existência do homem é o homem” (PINTO, 2005, p. 84), desde que consciente de sua condição, e em luta por uma sociedade justa e democrática.

E é nesse sentido, Freire, que tentamos dialogar com suas ações e reflexões, fazendo com que, mesmo em meio a tantos desafios, a luta pela vida e por uma educação de qualidade se fortalecesse e impulsionasse outras ações que fossem ao encontro dos/as educandos/as, das suas necessidades sociais de leitura e de escrita, da inclusão e não da exclusão. Frente aos inúmeros desafios pedagógicos, mais uma vez compreendemos como você mesmo nos apresenta em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1996) que ensinar exige: pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, risco e aceitação do novo e rejeição de qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática e consciência do inacabamento, entre outros saberes. Assim, encerramos esse momento tão precioso em nossas vidas. Momento em que temos a oportunidade de vê-lo cada vez mais vivo entre nós e em nossas ações, pois sabemos que “Mudar é difícil, mas é possível”! (FREIRE, 1996, p. 88).



A imagem apresentada foi produzida pela professora Helga Valéria de Lima Souza e dialoga com o texto em homenagem a Paulo Freire na medida em que reflete sobre a práxis docente mediada pela tecnologia

Referências:

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

PINTO, A. V. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1986.

PINTO, A. V. **O conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.